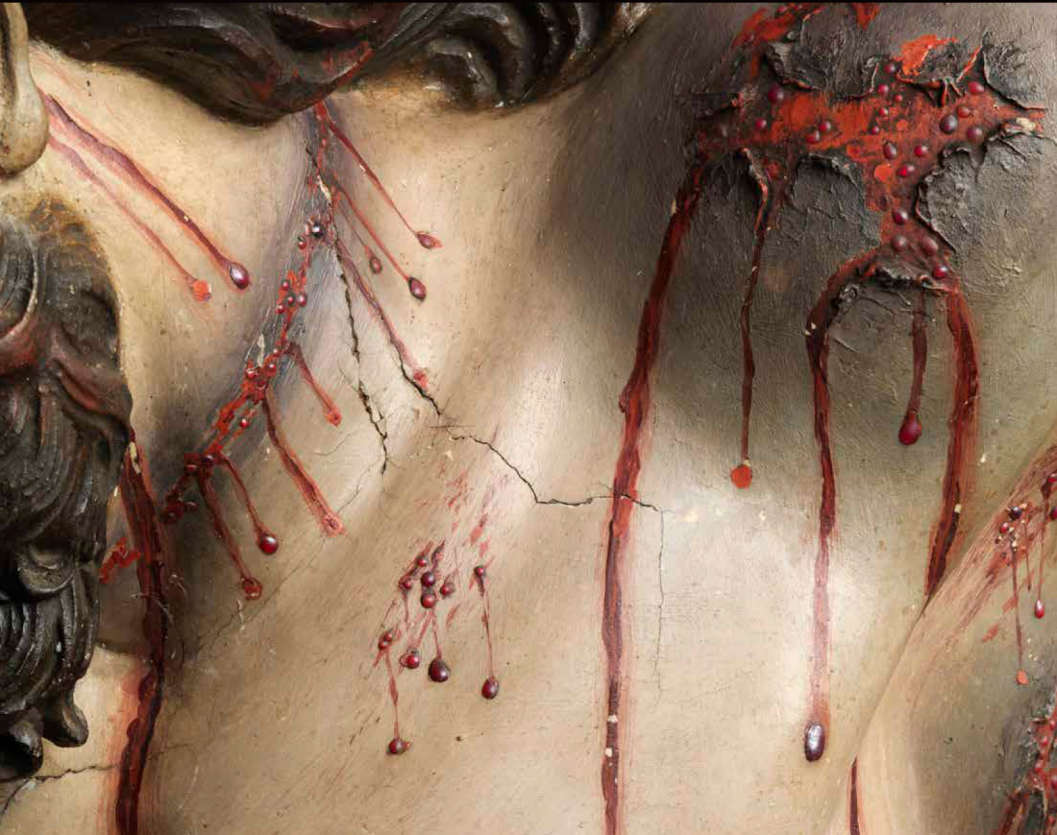


SALA
DO TECTO
PINTADO

MNAA
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

«O PAI DOS CRISTOS»

Esculturas de Manuel Dias (1688-1755)



DA ERMIDA AO MUSEU: O PERCURSO DA IMAGEM DE «NOSSA SENHORA DA CARIDADE»

SANDRA COSTA SALDANHA

Diretora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

ENTRE O CONJUNTO de obras identificadas da autoria de Manuel Dias, uma das que maior protagonismo assume é a imagem de *Nossa Senhora da Caridade*, integrada no acervo do Museu Nacional de Arte Antiga em 1917 (cat. 1). Ilustrativa do longo percurso do escultor, sintetiza o essencial das suas competências técnicas e pressupostos estéticos, distinguindo-se hoje, justamente, como uma peça emblemática da produção escultórica do Barroco joanino.

Sobre as suas origens, história e autoria, contudo, praticamente nada se apurou no último século. Deste modo, atendendo à representatividade da obra no panorama da arte portuguesa, à sua relevância no quadro da atividade do escultor e, ainda, à extensão e interesse da informação reunida autonomiza-se a sua análise numa abordagem específica.

A IRMANDADE DA CARIDADE GERAL

Imagem destinada à Ermida de Nossa Senhora da Caridade, em Lisboa, seria encomendada por frei Baltasar da Encarnação (1683-1760)¹, eremita de São Paulo, para orago da Irmandade da Caridade Geral² (fig. 1). Instituída pelo monge missionário em 1736, visava o auxílio dos mais desfavorecidos, particularmente, «os prezos nas cadeas, as veuvas e donzelas recolhidas, aos doentes em suas cazas, e outras necessidades particulares»³. Como precisa o biógrafo do fundador, frei Baltasar tudo fazia para «alimentar os que nos calabouços, enxoviais jazião malicentos, e debilitados da dura fome; e levando-lhe de comer á grade da prizão com as suas mãos, por todos o repartia, deixando-os alimentados» (*Vida*, 1760,



Fig. 1
Eleutério Manuel de Barros
(1754-1812)
Pe. Baltasar da Encarnação
1774
Gravura a buril
Lisboa, BNP, EA 4 A
© BNP

pp. 9-10; fig. 2). Estabelecida a Irmandade⁴, prosseguem os peditórios pela «Cidade para fim de se socorrerem aquellas estremas necessidades dos pobres famintos, e desamparados prezos nos ferros d'El-Rey», ampliando-se a entrega de mantimentos e «saccos de pão aos mesmos carceres com notável humildade, e edificação.» (*Vida*, 1760, pp. 9-10). Assistindo às cadeias do Limoeiro, Castelo, Calabouço, Tronco e Aljube, a Irmandade sobrevivia então de esmolas, donativos em géneros e, mais tarde, alguns legados testamentários, concedidos por irmãos, devotos e instituições⁵. Será assim, no exercício de tão abnegada missão, que frei Baltasar da Encarnação, já em idade avançada, segurando a grande alfofa onde transportava os alimentos, será perpetuado por Joaquim Manuel da Rocha (1727-1786), numa interessante pintura do antigo Convento do Senhor Jesus da Boa-Morte⁶(cat. 2).

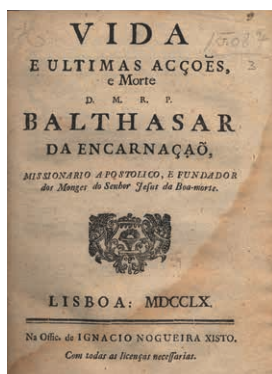


Fig. 2
Vida e ultimas acções e morte D.M.R.P. Baltasar da Encarnação, frontispício 1760
 Lisboa, BNP, HG 15087-3
 © BNP

Importa aqui clarificar, contudo, alguns antecedentes da invocação ideada pelo fundador para orago da Irmandade da Caridade Geral. Venerada originalmente com o título de Nossa Senhora do Loreto, designava-se então (1736-1748) como «Irmandade da Caridade Geral de N.^a Sr.^a do Loreto»⁷. Possuindo uma imagem da «Senhora do Loureto, especial Patrona do servo de Deos, e Protectora da Irmandade» (Clemente, 1776, s/n), dela poderemos ter uma ideia através da gravura que ilustra as primeiras relações de receita e despesa, reproduzindo a «prodigiosa Imagem da Virgem Maria da Caridade Geral, a S.^{ra} do Loretto»⁸ (fig. 3).

Desconhecido o motivo para a posterior alteração, certo é que a invocação integraria as particulares devoções de frei Baltasar. Com efeito, chegaria mesmo a encomendar, já no final da vida (1760), uma imagem de *Nossa Senhora do Loreto*, filiada nos tradicionais modelos desta iconografia mariana, destinada à igreja de Pegões, a escassa distância

do seu velho convento de Covas. Tal não prevaleceria, contudo, na nova ermida da capital, onde, na sua «grandiosa Capella», passaria a venerar-se a «Soberana Virgem Mãe de Deos por titulo a Senhora da Caridade» (*Vida*, 1760, p. 10).

A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CARIDADE

Instituída a piedosa empresa, será também por iniciativa de frei Baltasar da Encarnação que todos os esforços se vocacionam para a edificação de um templo condigno. Desejando, inicialmente, «fabricar huma pequena barraca no Terreiro do Paço, para alli mais comodamente acodir á necessidade dos seus pobres», frei Baltasar seria acolhido, à chegada a Lisboa (1735), pelo amigo Domingos Gonçalves⁹, antigo impressor do convento das Covas de Monfurado, morador às Pedras Negras (Clemente, 1776, s/n). Por falta das acomodações necessárias, passaria a ocupar umas casas junto à Igreja de São Cristóvão, «a que poz o nome de Hospicio da Caridade» (Clemente, 1776, s/n)¹⁰. Local onde, em 1736, existia já um oratório consagrado a Nossa Senhora do Loreto (*Relação*, 1737, p. 3), acabaria por se estabelecer, em 1739, na Capela de São Mateus, propriedade dos marqueses de Cascais em Santa Justa, «que os receberão com o maior gozo, e concorrirão com largas esmolas para os prezos.» (Clemente, 1776, s/n)¹¹. Avultando as receitas e assegurado o espaço para o funcionamento da Irmandade, contaria em breve com o apoio



Fig. 3
Relação da receita, e despeza,
 frontispício com gravura de
 Nossa Senhora do Loreto
 1736
 Lisboa, BNP, H.G. 4552//55 A.
 © BNP

Fig. 4
Ermida de Nossa Senhora
da Caridade, 1901
Fotografia de Machado e Souza
(1896-1908)
Arquivo Municipal de Lisboa /
Fotográfico, Espólio de Machado
e Souza, A775
© AML/Fotográfico



do cardeal-patriarca D. Tomás de Almeida (1670-1754), confirmado seu protetor por provisão de 1740, «p.^a maior aumento das virtudes, que a dita Irmandade exercita»¹².

Um novo edifício começaria por estes tempos a ser ponderado. Careciam os irmãos de «hua Irmida, em que expozesse a devoção dos fieis a veneranda Imagem de N. Snor.^a da Charidade, na qual Irmida se digaõ as missas dos Estatutos, pelas almas dos irmaõs, e satifação as cappellas que insituem algũs devotos, e donde saya em comunidade a Irmandade aos seus repetidos petítorios animada, com os exercícios espirituais que na mesma se haõ de fazer»¹³.

Adquirido um terreno em 1746¹⁴, a ermida começaria a erguer-se no ano seguinte. Propriedade de casas situada nas proximidades da Sé de Lisboa, entre a Rua das Cruzes da Sé e o atual Beco da Caridade, nela se incluía, contava a tradição, a antiga residência «da tia do nosso glorioso Santo Antonio» (Clemente, 1776, s/n), por onde passara mesmo o próprio Fernando Martins de Bulhões

(1195-1231), quando era «menino de Choro»¹⁵. Eternizada a memória, acrescentaria o padre José Clemente a descoberta de um «tecto antigo de huma sala pintada com o milagre de sarar as quartas, que com inocente travessura que brava aos de sua idade, quando hião por agoa ao chafariz.» (Clemente, 1776, s/n).

Erguida «á conta de grandes esmolas», e decorrendo as obras a bom ritmo, discutem-se então as verbas para dotação da nova ermida. Salientando a necessidade de «vários ornamentos e guizamentos precisos e contínuos», determinam os irmãos que «os anuais fossem todos para a fabrica», propondo ainda, «para fazer a fabrica mais avultada», «acrescentar as Joias da Meza»¹⁶ (fig. 4).

Edifício de grande sobriedade e formas simples, será atribuível a um dos muitos arquitetos atuantes ainda na esfera das empreitadas joaninas. Contexto em que emerge o nome de Elias Sebastião Poppe (ativ. 1724-1778), engenheiro militar e arquiteto das obras dos Paços Reais, integra por esta época a mesa da Irmandade da Caridade Geral, assumindo funções de segundo mordomo da capela (*Relação*, 1741). Célebre pela autoria de duas das propostas apresentadas para a reedificação da Baixa lisboeta, destacou-se como uma figura particularmente próxima de alguns dos mais relevantes nomes da cultura arquitetónica do seu tempo, como Carlos Mardel, Rodrigo Franco, Eugénio dos Santos ou Manuel da Costa Negreiros.

Prossequindo as doações, o edifício deverá concluir-se em 1750, «com a oficina necessária para se cozinharem os jantares dos prezos, e maes cazas precisas para a arrecadação da fabrica, e expedição dos negócios da Irmandade». Autorizada a abertura ao culto e veneração da «devotíssima Imagem de N. Snor.^a da Charidade, S. Franc.^o de Paula, e S. Antonio»¹⁷, remonta a 1751 uma primeira descrição do interior da Ermida de Nossa Senhora da Caridade: «examinando-a com o preciso cuidado, achei que está na forma das Constituições, e acabada com muito primor, e aceio tem tão somente hũ altar com sua bamqueta a romana de seis castiçais dourados, com hua cruz da mesma sorte, com huã imagem de Christo, no trono a Sr.^a da Charidade e nos lados St.^o Antonio e São Francisco de Paula. Tem Sanchristia com seus caixoins, tem choro, tem porta principal p.^o a rua com boas fechaduras, tem seu campanário pequeno ainda sem sino; tem ornamentos das quatro cores que uza



Fig. 5
Santo António
c. 1747-1750
Madeira dourada, estofada
e policromada
Lisboa, MNAA, inv. 513 Esc
© DGPC/ADF, Luísa Oliveira



Fig. 6
 Ex-voto de Nossa Senhora da
 Caridade
 1789
 Óleo sobre madeira
 Lisboa, Museu Nacional de
 Arqueologia, inv. ETNO 207
 © DGPC/MNA

a Igreja não só aciados mas ricos, com muito boas alvas e toalhas de altar e frontais irmaos dos mesmos ornamentos; cálix, corporaes, bolças, e missal tudo primoroso, e com a decência dividida, p.^a se poder celebrar na dita Ermida o Santo Sacrificio da missa»¹⁸.

Possuindo então as imagens de *Cristo*, *Nossa Senhora da Caridade*, *Santo António* e *São Francisco de Paula*, seria enriquecida, nos anos seguintes, com outras obras e alfaias, oferecidas por irmãos e devotos¹⁹ (fig. 5). Descrita como «huma primorosa Ermida de excelente, e nobre pedra», às anteriores viriam a juntar-se as esculturas de *Nossa Senhora das Dores*, *São João Batista* e *São José*, bem como as «vistas pinturas» (*Vida*, 1760, p. 10) de *Nossa Senhora da Caridade*, *Caridade Geral* e *São Vicente de Paula*. Obras onde, com probabilidade, se reproduziria a imagem do orago, isso mesmo se documenta com a recente

descoberta da pintura de *Nossa Senhora da Caridade*, hoje na Capela do Santíssimo da Igreja de São Vicente de Fora, ou ainda num raro ex-voto de 1789, feito a partir da obra escultórica²⁰ (fig. 6).

Destinada aos ofícios divinos e à veneração da imagem de *Nossa Senhora da Caridade*, uma média de oito missas diárias eram celebradas no templo²¹. Prosseguindo os desígnios fundacionais, na nova ermida juntavam-se então «os devotos Irmãos, e dalli sahião em procissão Cantando a Oração do Padre nosso, e Ave Maria, louvando á mesma Senhora, a pedir com suas alcofas pela Cidade; e na mesma casa recolhiam as esmolas, que todas se reduzião para a sustentação dos miseros encarcerados, e também por alguns enfermos, e pobres da mesma Cidade» (*Vida*, 1760, p. 10).

Foi efêmera, contudo, a história do edifício que, quatro anos passados sobre a sua conclusão²², seria destruído pelo Terramoto de Lisboa de 1755. Padecendo «bastante ruina» (Castro, 1763, p. 353), chegaria mesmo a cair, segundo alguns testemunhos (Sousa, 1875, p. 92), acabando consumido pelo fogo subsequente: «abrazou-se esta primorosa Capella no voraz, e arrebatado incendio no dia do Terramoto» (*Vida*, 1760, p. 10).

Consequência da destruição causada, é construída uma capela provisória em madeira («erecta barraca») ao Campo do Curral, no Campo de Santana, paróquia de Nossa Senhora da Pena (*Vida*, 1760, p. 10; Castro, 1763, p. 406)²³, sedeando-se aí a Irmandade «com o mesmo fervor a favorecer os prezos, e necessitados» (*Vida*, 1760, p. 10). Resgatado o recheio do templo arruinado, a imagem de *Nossa Senhora da Caridade* seria transferida para o edifício interino, onde continuaria a venerar-se «com toda a decência, e solemnidade» (*Vida*, 1760, p. 10; fig. 7).

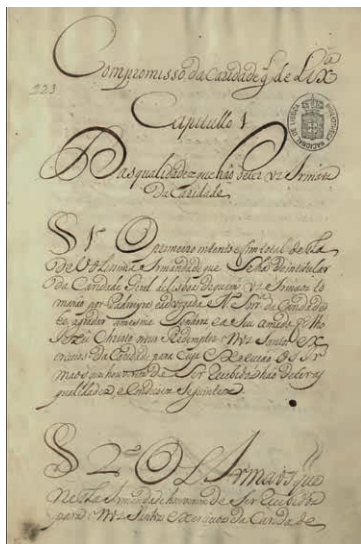


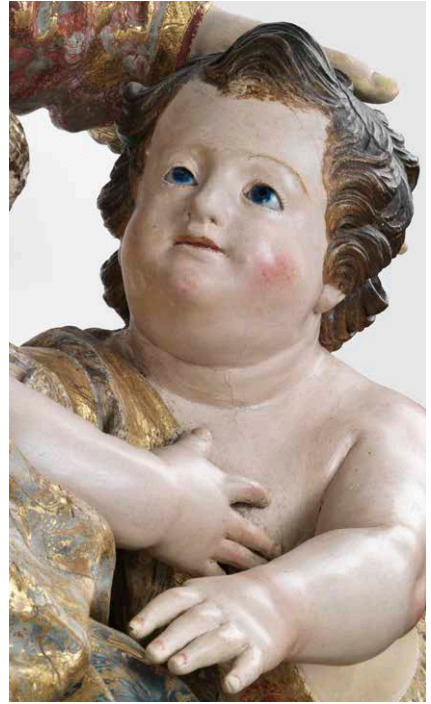
Fig. 7
Compromisso da Caridade
de Lisboa
1763
Lisboa, BNP, PBA. 101
© BNP

Empenhados na reconstrução da primitiva ermida verifica-se, porém, a transferência da Irmandade para a Igreja de Santa Luzia em 1776, «por detriminação do Snr. Infante D. Pedro concorrendo o dito Snr. com todos os ornamentos e sera p.^a o altar da Sr.^a» (Clemente, 1776, s/n)²⁴.

Reerguido o templo nos primeiros anos do século XIX, as casas junto à Sé, destinadas aos serviços da Irmandade, não voltariam a ser recuperadas, consumando-se em 1807 o sequestro da propriedade²⁵. Profanada em 1834, a Ermida de Nossa Senhora da Caridade seria então sujeita às sucessivas convulsões que, nas décadas seguintes, assolaram o património religioso um pouco por todo o país. Entregue à Comissão de Beneficência da Freguesia da Sé, em 1856, seria finalmente objeto dos «reparos indispensáveis» (*Festa*, 1858, p. 161), tendo em vista a sua reabertura.

De novo benzida e autorizado o culto em 1857²⁶, regista-se no ano seguinte, em dia da festa do Patrocínio de Nossa Senhora, a interessante memória de uma das primeiras cerimónias em que voltava a apresentar-se à veneração pública: «observamos a Ermida da Caridade cheia de fieis [...]. Prostrados com reverencia, como peccadores, diante da Veneranda Imagem de Nossa Senhora da Caridade [...]. A ermida, toda reformada e restaurada, que, apesar de pequena, é grande pelas Venerandas Imagens da Senhora, de S. José, e de S. João Baptista.» (*Festa*, 1858, p. 161).

Em funcionamento até inícios do século XX, asseverava Francisco Luís Pereira de Sousa (1870-1931) em 1909: «Hoje ainda lá existe, tendo soffrido grandes reparações.» (Sousa, 1909, p. 136). Templo que seria, muito em breve, desprovido de todos os seus bens, uma descrição de 1912 oferece-nos a derradeira imagem do seu interior: «A ermida é composta de altar-mór com urna de madeira pintada a fingir mármore, de arautos dourados, com sacrário com porta dourada metido no altar, encimado por docel de madeira igual á urna e respectivo throno de três degraus. Ao lado da epistola e a meio da ermida tem um nicho de madeira pintado com frisos dourados para guarda de santo; dividindo a ermida e junto a este nicho acha-se a teia de madeira pintada e



ao fundo da ermida junto à porta principal guarda vento de madeira pintado a ouro.»²⁷

Com diversas obras de pintura e escultura distribuídas pelo altar-mor e capelas laterais²⁸, podiam então observar-se, entre as peças originais e outras realizadas em anos posteriores, as esculturas de *Nossa Senhora da Caridade*, *Santo António*, *São Francisco de Paula*, *Nossa Senhora das Dores* (altar-mor), *São João Batista* (lado da epístola), *São José* (lado do evangelho), e um *Crucifixo*; e as pinturas a óleo de *Nossa Senhora da Caridade* (capela lateral esquerda), *Caridade* (com o dístico «Caridade Geral», capela lateral direita) e *São Vicente de Paula* (sacristia).

Figs. 8 e 9
Manuel Dias
Virgem com o Menino e São João Batista, Nossa Senhora da Caridade, pormenores
c. 1748
© DGPC/ADF, Luísa Oliveira



Fig. 10
 Nicolas Loir (1624-1679)
Sagrada Família
 com São João Batista
 1639-1679
 Gravura
 Londres, British Museum,
 inv. 1869,0410.2348
 © British Museum

A IMAGEM DE «NOSSA SENHORA DA CARIDADE»

Grupo escultórico de grandes dimensões²⁹, representa a Virgem com o Menino Jesus e São João Batista. Sentada numa aparatosa cadeira, de espaldar alto ao estilo joanino, Maria enverga um amplo vestido cingido à cintura e manto sobre as costas; à sua direita ergue-se o Menino, de ventre coberto, apontando para a Mãe; e à esquerda, sob o olhar de Maria, apresenta-se São João Batista, de pé, amparado pelo braço da Virgem, com a tradicional pele de cordeiro (figs. 8-9). A delicada almofada de borlas na base, em que Maria pousa os pés, totaliza a composição.

Iconograficamente filiada nas mais célebres representações de Nossa Senhora com o Menino e São João Batista, a imagem da *Senhora da Caridade*, adaptada aos desideratos da nova Irmandade, assume, como base compositiva, modelos sobejamente conhecidos, certamente ao alcance dos artistas nacionais através de gravuras, de que são exemplos as obras de Michele Ghirlandaio (1503-1577)³⁰ ou Nicolas Loir (1624-1679)³¹ – fig. 10.

Encomendada a imagem no período em que a Irmandade se estabelece na Capela de São Mateus, propriedade dos marqueses de Cascais, estaria concluída em 1748, como se comprova pela gravura que a reproduz, ilustrando o frontispício das relações de receita e despesa da Irmandade referentes a esse ano³² (fig. 11). Como se clarifica na documentação para abertura ao culto da ermida, necessitavam os

irmãos de um local onde se «expozesse a devoção dos fieis a veneranda Imagem»³³, precisando: «*esta feyta* a prodigiosa Imagem de N. Snora da Charidade Titullar da Irmida, e as maes que lhe haõ de fazer companhia, e todas se achaõ sem culto, e a Irmida sem exercicio das suas funções»³⁴. Anos mais tarde (1774), remonta a encomenda de uma nova gravura³⁵, realizada por Eleutério Manuel de Barros (1754-1812) a partir de um belíssimo desenho de Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818)³⁶, que, tendo também por modelo a obra original, a interpreta com ligeiras alterações (figs. 12-14).

Imagem de grande devoção, é significativo assinalar a existência de uma outra de menores dimensões («em ponto pequeno»)³⁷, possivelmente um modelo da própria obra, bem como a eventual sobrevivência dos seus preciosos adereços³⁸. Peças de paradeiro desconhecido, ofertadas por devotos e irmãos ao longo dos tempos, incluíam um anel de ouro, «entrelaçado com parras, frente lisa com uma ancora cravada», coroas de prata (da Virgem e do Menino), uma cruz e uma bandeira (de São João Batista)³⁹.

Quanto à autoria da imagem de *Nossa Senhora da Caridade*, é desde logo a sua plena conformidade estética, no quadro da atividade de Manuel Dias, que alicerça uma atribuição fundamentada ao escultor. Reveladora de assinaláveis afinidades estilísticas e compositivas com outras obras do autor, nela se evidenciam, como elementos particularmente identificáveis: o dinamismo e volumetria geral do conjunto; o aparato e amplitude dos panejamentos; a serenidade e circunspeção das expressões; a fisionomia do rosto de Maria (de olhos amendoados, nariz esguio e pequena boca); o longo pescoço cilíndrico; os cabelos



Fig. 11
Relaçam da receita, e despeza que a casa da Caridade Geral de Lisboa fez este anno, frontispício 1748
 Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, MISC. 675, N.º 11108
 © BGUC



Fig. 12
 Joaquim Carneiro
 da Silva (1727-1818)
 Virgem com o
 Menino e São João
 Batista, Nossa
 Senhora
 da Caridade
 c. 1774
 Desenho à pena,
 a tinta castanha,
 aguada castanha
 e sanguínea
 Lisboa, MNAA,
 inv. 729 Des
 © DGPC/ADF, Luísa
 Oliveira



de ondulação suave, fluindo em elegantes madeixas sobre os ombros; as fartas cabeleiras dos Meninos; ou a forma peculiar da mão direita da Virgem, formando um V entre os dedos médio e indicador (fig. 15).

Para além das analogias apontadas, a atribuição da obra a Manuel Dias vê-se ainda cimentada por um conjunto de outras evidências. Comissionada por frei Baltasar da Encarnação, a relação com o artista reforça-se pela posição de destaque assumida no seio da própria Irmandade. Irmão desde as suas origens, Manuel Dias viria mesmo a integrar a primeira mesa da instituição, com os cargos de tesoureiro (1736) e segundo mordomo da capela

Fig. 13
Eleutério Manuel de Barros (1754-1812)
Nossa Senhora da Caridade 1774
Gravura a buril
Lisboa, BNP, RS 5749
© BNP

Fig. 14
Nossa Senhora da Caridade Século XIX
Gravura a buril
Lisboa, BNP, RS 2154
© BNP

(1739), bem como os seus discípulos, Valentim Gomes e Manuel Diniz, procuradores dos presos pela mesma época (*Relação*, 1736, 1740; fig. 3).

Em semelhante sentido, cimentando a relação do prelado com o escultor, é de salientar a estreita ligação aos marqueses de Cascais, padroeiros da Irmandade (*Relação*, 1740, p. 1). Especialmente empenhados na perseverante empresa de fundação, contavam-se, efetivamente, entre as pessoas «que em sua vida fizeram estimação da pessoa do servo de Deos [frei Baltasar da Encarnação], e o honrarão muito», particularmente, a «Ex.^{ma} Senhora marquesa de Cascaes D. Joana Perpetua [...] que não podendo conseguir que elle a fosse confessar ao seu palácio, nem se quisesse servir da sua ermida de São Matheus, tinha o incommodo de o hir ouvir a huma tribuna de S. Justa, quando elle pregava de Missão nesta freguesia.» (Clemente, 1776, s/n).



Fig. 15
Manuel Dias
*Virgem com o Menino
e São João Batista,
Nossa Senhora da Caridade,*
pormenor da mão da Virgem
c. 1748

© DGPC/ADF, Luísa Oliveira

Figuras próximas do artista, para as quais havia já trabalhado, é de salientar a ligação mantida entre Manuel Dias e D. Filipa de Noronha (1682-1738)⁴⁰, filha mais nova do segundo marquês.

Madrinha de um dos filhos do escultor, viria mesmo a contemplar o mestre entre os seus herdeiros, com uma soma de 30\$000 reis (Saldanha, 2018)⁴¹.

Encomendada a obra no tempo em que a Irmandade se encontra sedeadada na capela dos marqueses, aos laços profissionais e pessoais somava-se ainda a relação de vizinhança que os unia. Na verdade, situava-se o palácio a escassos metros de distância da oficina do escultor, ao Borratém, delimitando, precisamente, a Rua dos Álamos, com alçado voltado para a Rua dos Vinagreiros⁴² (fig. 16).



Documentando a proximidade dos vários intervenientes, é ainda de sublinhar uma inusitada alusão contida na biografia manuscrita de frei Baltasar, dando conta do empenho dos marqueses, do próprio Manuel Dias, e até dos seus colaboradores, logo em 1736, nos primeiros peditórios pela cidade: «Como cresciam as esmolos, quis o servo de Deos que sahisse á luz do dia huma obra, que tivera principio nas trevas da noite. Preparou á sua custa hum jantar, para o qual concorreo a Excellentissima Senhora Marqueza de Cascaes com hum veado⁴³; e como não bastasse a gente de caza para o conduzir, convidou o servo de Deos a Manoel Dias, o maior perito Estatuario daquele tempo. Não faltou este com o seus officiaes, bem que a alguns deles lhe sobião as cores ao rosto por exercitarem em publico

Fig. 16
 Guilherme Joaquim Pais
 de Meneses (1718-1782)
Planta topographica, e exacta do Sitio, que comprehende a Ilha em que estava edificado o Hospital Real de Todos os Santos desta Cidade, o Convento de São Domingos e Casaz assim do Ill.mo e Exm.º Marquês de Cascaes, como as dos particulares 1750
 Lisboa, BNP, D. 100 R.
 © BNP

hum acto nunca praticado na corte entre seculares.» (Clemente, 1776, s/n).

Alicerçando ainda a preferência do prelado pela oficina de Manuel Dias está o facto de recorrer, mesmo após a morte do mestre, a artistas do seu círculo de influência, concretamente, ao escultor Eugénio dos Santos, seu genro, e ao pintor Lourenço dos Santos, seu colaborador regular, ambos incumbidos da feitura da imagem de *Nossa Senhora do Loreto* para Pegões, atrás referida⁴⁴.

DA ERMIDA PARA O MUSEU

Salva do Terramoto de 1755, a história da imagem de *Nossa Senhora da Caridade* não mais se apaziguaria, entre sucessivas deslocações e mudanças. Transferida para a capela provisória no Campo do Curral, à ermida original apenas haveria de regressar um século mais tarde, em 1857. Aí conservada nos anos seguintes, da obra esculpida por Manuel Dias voltaremos a ter notícia na primeira década do século xx, no âmbito da Lei da Separação⁴⁵. Intimado o pároco da Sé a apresentar as dívidas averbadas à ermida (4 de julho de 1912)⁴⁶, do seu interior e respetivo acervo dá conta o inventário efetuado meses depois (12 de outubro de 1912) pela comissão de arrolamento⁴⁷.

Solicitada a cedência do templo para uso da Junta de Paróquia (20 de junho de 1914), propõe-se então a transferência e venda dos objetos de culto. Segundo informa António Baptista Ribeiro, presidente do primeiro bairro: «visitei a ermida da Caridade de onde encontrei pessimamente acondicionados varios objectos do culto e mobiliario que de dia para dia se está denaficando; chegando a causar-me arrepios o pouco zelo de quem por ali andou. Na referida Ermida não se exerce o culto e por isso julgo que seria de boa administração transferir para outro local os objectos que ali estão amontoados ou vende-los entregando depois o edificio que é pequenissimo á Junta de Paroquia que ali estabeleceria o seu archivo e sala de sessões»⁴⁸. Propósito confirmado meses depois (8 de dezembro de 1914), não tardaria também o insólito pedido para que fosse «retirado» à ermida o «aspecto religioso

que conserva interiormente» (14 de junho de 1915). Armazenadas as peças «na antiga capela particular do patriarca», em São Vicente de Fora, tal motivaria também reclamações por parte do Conselho de Arte e Arqueologia, considerando o valor histórico e artístico das pinturas e azulejos da referida capela⁴⁹. Acelerado o processo pela necessidade de desocupação, inicia-se em 1917 a distribuição e venda do recheio da antiga Ermida de Nossa Senhora da Caridade (fig. 17).

Encaminhavam-se assim para o Museu Nacional de Arte Antiga, por resolução de 19 de maio de 1917, as esculturas de *Nossa Senhora da Caridade* (MNAА, inv. 514 Esc) e *Santo António* (MNAА, inv. 513 Esc; fig. 5); quatro castiçais em casquinha (MNAА, inv. 648-651 Our); quatro ex-votos (MNAА, inv. ETNO 2079; fig. 6); e uma cadeira Luís XV (MNAА, inv. 1074 Mov)⁵⁰. Traçado o destino das primeiras peças, as restantes seriam vendidas em hasta pública no mesmo ano⁵¹. Arrematados mais de cento e cinquenta lotes, na módica receita de 265\$55, neles se incluíam: cinco esculturas (*Nossa Senhora das Dores*, *São João Batista*, *São José*, *Nossa Senhora da Caridade*, em ponto pequeno, e um *Cristo*); três pinturas a óleo sobre tela (*Nossa Senhora da Caridade*, *São Francisco de Paula*, *Caridade Geral*); peças de ourivesaria (banqueta, crucifixos, castiçais e resplendores); alfaias litúrgicas de toda a espécie (galhetas, campainhas, crucifixos, arandelas, pedras de ara, bandejas); mobiliário (estantes, bancos, cadeiras, mesas, caixas de esmolas, espelhos, cabides, fragmentos de altares e confessionalários); dezenas de paramentos (capas de asperges, véus de ombros, alvas, sobrepeliz, casulas, estolas, manípulos, bolsas de corporais, véus de cálice, bordados a matiz, em seda, damasco ou lhama); e inúmeras outras peças, agrupadas em lotes conjuntos (incluindo toalhas, tapeçarias, sanefas, sino, jarras, lâmpadas,

Lotes	Quantidade	Valor	Observações
1	1	1000	Escultura de Nossa Senhora das Dores
2	1	1000	Escultura de São João Batista
3	1	1000	Escultura de São José
4	1	1000	Escultura de Nossa Senhora da Caridade
5	1	1000	Escultura de Cristo
6	3	3000	Pinturas a óleo sobre tela
7	1	1000	Peças de ourivesaria
8	1	1000	Alfaias litúrgicas
9	1	1000	Mobiliário
10	1	1000	Paramentos
11	1	1000	Outras peças

Fig. 17
Arrolamento dos bens da Capela de Nossa Senhora da Caridade, p. 1 1917
Lisboa, Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Lisboa, Administração dos Bens Culturais, Processo 594 © ACMF

livros, etc.). Alienados os bens mais valiosos, os derradeiros lotes sobreviventes, emprestados à Junta de Freguesia da Sé⁵², acabariam também vendidos⁵³ na tarde do dia 12 de março de 1925⁵⁴. Peças dispersas, cujo paradeiro atual se desconhece, remontavam muitas delas às origens da espoliada ermida.

Inteiramente desprovida dos seus bens, e ocupada pelos serviços estatais, a corporação encarregue do culto católico diligenciaria, por fim, com vista à devolução do edifício (22 de setembro de 1930)⁵⁵, encerrando-se deste modo a história de tão piedosa fundação.

NOTAS

1 Fundador dos conventos das Covas de Monfurado (Montemor-o-Novo) e do Senhor Jesus da Boa-Morte (Lisboa).

2 Sobre a história da Irmandade revela-se informação de maior interesse num longo manuscrito biográfico sobre o seu fundador, *Vida do Padre Baltasar da Encarnação da Congregação do Oratório de São Filipe Néri*, da autoria do padre oratoriano José Clemente. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) – *Hospital de São José*, liv. 1209, s/n. Concluído no Convento das Necessidades a 4 de março de 1776, trata-se de um extenso relato em c. 500 fólios (s/n), estruturado em seis livros. O Livro III, inteiramente consagrado às missões de frei Baltasar da Encarnação em Lisboa, descreve detalhadamente os primeiros anos da Irmandade da Caridade Geral de Lisboa. Para o aprofundamento da temática, um agradecimento especial é devido a Rui Manuel Mesquita Mendes, responsável pelo levantamento, transcrição e cedência da documentação existente no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa (AHPL), bem como de uma escritura de venda, adiante citada (ANTT – *Hospital de São José*, 1746).

3 Tresladado da provisão em AHPL – *Expediente*, 1751.

4 Primeiramente em Lisboa, viria mais tarde a estabelecer-se nas cidades de Leiria e Setúbal, como esclarecem Diogo Barbosa Machado (1682-1772) e frei Jerónimo de Belém (1692-c.1760): «Instituío em Lisboa, Setubal, e Leyria huma Irmandade intitulada da *Charidade* para socorro dos prezos, e remedio de pessoas necessitadas.» (Machado, 1741, p. 447): «para fazer ainda mais frutuosa a Evangelica doutrina, instituío a devota irmandade da Caridade na Corte de Lisboa, que hoje se acha em grande aumento, como utilidade dos pobres, e desamparados, no anno de 1735; outra a Cidade de Leiria, e a da Villa de Setubal.» (Belém, 1753, p. 596). Sobre o desempenho assistencial das confrarias da Caridade Geral e a relação com instituições similares, ativas em Lisboa no século XVIII, veja-se Abreu, 2017, pp. 23-30.

5 Dados colhidos das seis relações de receita e despesa conhecidas da instituição, localizadas, respectivamente, na BNP (1736, 1737, 1740, 1742 e 1752; H.G. 4552//54 A. a 58 A.) e na BGUC (1749; Misc. 675, n.º 11108).

6 Agradeço a Anísio Franco o conhecimento desta pintura e a Nuno Saldanha a respetiva atribuição. Conservada no Museu Nacional de Arte Antiga (inv. 310 Pint), a proveniência da obra é expressa na própria inscrição que apresenta: «Retrato do Veneravel Missionario Apostolico o R.^{mo} Padre Frei Balthazar da Encarnação. Fundador dos Monges Descalços da Religião de S. Paulo primeiro Eremita do Reino e Dominios da Coroa de Portugal. Instituidor da Caridade Geral de Lisboa, Leiria e Setubal. Falleceu neste seu Convento aos 25 de Setembro de 1760. Tendo de idade 77 anos três mezes e 27 dias.» (sublinhado nosso). Não deverá, contudo, tratar-se do retrato mencionado por Luís Gonzaga Pereira (1796-1868), no interior do mesmo convento, onde frei Baltasar da Encarnação é descrito «de corpo inteiro, encostado a hum bordão, todo derriado para diante, porque este servo de Deos se derreou carregando pedra para as suas Igrejas, e no terreno do quadro todos os instrumentos do officio de sapateiro, de que tinha sido mestre.» (Pereira, 1833, p. 115). Obra que deverá ter integrado o acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa, a partir de 1834 (Canaes de Figueiredo inclui frei Bartolomeu da Encarnação entre as personalidades retratadas nos quadros pertencentes à instituição), não se conserva, atualmente, na biblioteca pública (agradeço a Inês Cordeiro a clarificação). A partir desta última, seria realizado o retrato gravado a meio-corpo, por Eleutério Manuel de Barros (1774), de que se conservam três exemplares na BNP (247 E, 248 E, EA 4 A).

7 ANTT – *Hospital de São José*, Escrivão Botelho, mç. 106, n.º 8, cx. 753; Extratos, cx. 507, liv. 19, n.º 948, fls. 36 v.-42.

8 A que Domingos Gonçalves consagra uma dedicatória, ainda em 1748. Sobre a dupla invocação, precisa o autor: «o mesmo he ser Senhora do Loretto, que ser Senhora da Caridade Geral; e o mesmo he ser Senhora da Caridade Geral, que ser Senhora do Loretto: parecem dous Titulos, que he hum só, para mostrar o singular no ser mayor; porque se acha dentro na Santa Casa do Loretto a Caridade Geral por admiráveis congruências; e se divisa dentro da Caridade Geral a Santa Casa do Loretto por prodigiosas similhanças. A pequena Ermida, aonde está colocada esta vossa Imagem Santissima, a quem faço esta Dedicatoria, passa crescendo de menor a mayor Templo, para seres ahi venerada com este vosso mayor Titulo. Aqui mostrais ser Senhora da Caridade Geral, quando viestes buscar este sitio para pores as antiguidades do Loretto junto da vossa mais antiga, e mayor Igreja; aonde está a vossa mais antiga, e mayor Imagem.» (Barbeito, 1748, s/n).

9 Editor com oficina em Lisboa, viria a integrar a mesa da Irmandade no seu primeiro ano de existência, em 1736, com as funções de procurador da congregação (*Relação*, 1736, pp. 1).

10 Hospício dos Monges Descalços de São Paulo Eremita, como se atesta pelas relações de receita e despesa referentes aos primeiros anos da instituição (*Relação*, 1736, 1737).

- 11 Em virtude desta mudança é alugado nesse mesmo ano de 1739 um espaço para casa do despacho da Irmandade, onde se registava a existência de uma imagem do *Senhor atado à coluna (Relação, 1740, p. 3)*.
- 12 Provisão de 24 de abril de 1740. Tresladado em AHPL – *Expediente, 1751*.
- 13 Informação contida no pedido de bênção e licença para celebração de missa na ermida. AHPL – *Expediente, 1751*.
- 14 Remonta a 16 de junho de 1746 a escritura de venda da propriedade, pertencente ao padre Rafael Monteiro da Silva. ANTT – *Hospital de São José*, Escrivão Botelho, mç. 106, n.º 8, cx. 753; Extratos, cx. 507, liv. 19, n.º 948, fls. 36 v.-42.
- 15 AHPL – *Expediente, 1751*.
- 16 *Idem*.
- 17 *Idem*. Sobre as restantes invocações, refere-se Domingos Gonçalves a Santo António e São Vicente, esclarecendo: «Aqui mostrais a todos a Caridade Geral pela vida de hum Santo, e pela morte de outro: O Santo pela vida he S. Antonio com Caridade Geral desde que nasceu em Lisboa até que morreo em Padua; e o Santo pela morte he S. Vicente, cujo corpo admirável depois de morto conservou Caridade Geral entre homens, e entre brutos desde o lugar do seu martyrio athe este de seu permanente sepulchro.» (Barbeito, 1748, s/n).
- 18 Visita realizada a 3 de março de 1751. *Idem*.
- 19 Como o «doirado da Capella da mesma Senhora», a expensas do irmão Nicolau do Sacramento, «vários ornamentos assim de frontaes, como de vestimentas, toalhas, alvas, e vários ramos para ornamento da mesma Igreja» (*Relaçam, 1752, p. 4*).
- 20 Pintura a óleo sobre madeira (19,4 × 25 cm), pertencente ao MNAA, encontrando-se atualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (inv. ETNO 2079). Figurando um milagre de Nossa Senhora da Caridade, apresenta a inscrição: «M. Q. FES. N. SN.ª DA CARIDADE A BRENARDO IOZE PR.ª / ANDANDO M. DOENTE DO PEITO DESCOMFIADO DOS / MEDICOS SEM ESPERANSA DE VIDA SE VALEO DA D.ª SN / E LOGO SE AXOU COM SAVDE. ANNO D'1789 A.». No mesmo sentido, destaque para uma interessante sanguínea de Vieira Lusitano, recentemente leiloadada (Cabral Moncada Leilões, leilão 1121, lote 201, 23 setembro 2018), onde se observa, servindo de fundo a São Francisco de Paula, uma imagem escultórica da *Caridade*.
- 21 Entre maio e dezembro de 1751 foram celebradas 1893 missas na ermida, conforme registado na relação de despesas efectuadas nesse período (*Relaçam, 1752, p. 4*).
- 22 Confirmada a ereção e concedida licença para se benzer e celebrar missa em 1751. AHPL – Ms. 355, fls. 122 (9-3-1751); AHPL – *Expediente, 1751*.
- 23 Sobre este assunto veja-se também AHPL – Ms. 554, fl. 27 (30-10-1756).
- 24 Justificando, porventura, a existência de alguns ex-votos consagrados a Santa Luzia (incorporados no MNAA, hoje no MNA).

- 25 ANTT – *Hospital de São José*, Escrivão Botelho, mç. 106, n.º 8, cx. 753; Extratos, cx. 507, liv. 19, n.º 948, fl. 92 v.
- 26 AHPL – UI 255, fl. 121; AHPL – *Expediente*, 1857, cx. 2 (4-12-1857).
- 27 Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças (ACMF) – *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais*, Arrolamentos dos Bens Culturais da freguesia da Sé, Lisboa, 1910-1913, liv. 57, fl. 109 v.
- 28 *Idem*, fls. 113 v.-114.
- 29 Madeira de pinho, dourada, estofada e policromada; 166 cm (altura) × 80,5 cm (largura) × 65 cm (profundidade).
- 30 Dijon, Musée Magnin, 1938E472. *Virgem com o Menino e São João Batista*, meados do século XVI, óleo sobre madeira.
- 31 London, British Museum, 1869,0410.2348. *Sagrada Família com São João Batista*, 1639-1679, gravura.
- 32 BGUC – Misc. 675, n.º 11108.
- 33 AHPL – *Expediente*, 1751.
- 34 *Idem* (sublinhado nosso).
- 35 BNP, RS 5749. Uma gravura do mesmo desenho (subs. «J. C. Silva inv.», sem indicação do gravador), pertencente à coleção de Ernesto Soares (1887-1966), é elencada pelo autor com o n.º 1922 (Soares, 1971, p. 587). Já mais tardia, deverá ainda registar-se a existência de uma outra gravura (ins. «Milagroza Emagem de N. Sr.a da Caridade»), reproduzindo a obra escultórica (BNP, RS 2154). Desta última, são elencados dois exemplares por Luís Chaves, no Museu Etnológico Português (Chaves, 1916, p. 72).
- 36 Oriundo da Academia Nacional de Belas-Artes, este desenho integra hoje o acervo do MNA, inv. 729 Des (17,1 × 11,0 cm). Assinado «Carneiro», encontra-se elencado no catálogo da coleção de desenhos do Museu Nacional de Belas-Artes, com o n.º 361 (*Catálogo*, 1905, p. 98).
- 37 Iguualmente colocada na capela-mor, é arrolada no mesmo inventário como uma «Imagem de N.ª S.ª da caridade em ponto pequeno e igual à do N.º 16».
- 38 Peças cujo paradeiro se desconhece, conforme anotação à margem do elenco destes adereços, seriam todos eles vendidos em hasta pública, como veremos.
- 39 Parcialmente registados na relação das receitas de 1751, onde se elencavam «duas coroas de prata para as Imagens de N. Senhora, e Menino» (*Relaçam*, 1752, p. 4), são integralmente descritos no início do século XX: «N 42 – Um anel de ouro, pertencente á imagem de Nossa Senhora da Caridade, entrelaçado com parras, frente lisa com uma ancora cravada»; «N 44 – Uma corôa da imagem de N.ª Senhora da Caridade»; «N 45 – Uma dita, da imagem do menino Jesus que tem N.ª Senhora»; «N 50 – Uma corôa da imagem de N.ª S.ª da Caridade, em ponto pequeno»; «N 51 – Uma Cruz

e bandeira da mesma imagem». ACMF – *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais*, Arrolamentos dos Bens Culturais da freguesia da Sé, Lisboa, 1910-1913, liv. 57, fl. 113.

40 Dama camarista no paço real da infanta Francisca Josefa, entre 1700 e 1709, ingressa nesse ano no Convento de Santa Clara de Lisboa, onde viria a falecer a 2 de fevereiro de 1739, depois do nascimento de uma filha bastarda de D. João V, falecida em 1713 (Canaveira, 1984, p. 97).

41 ANTT — *Hospital de São José*, Testamentaria de D. Filipa de Noronha, testamento e codicilo. 6 vols., n.ºs 1305-1310. Publ. Canaveira, 1984, pp. 119-140.

42 Implementação observável numa rara planta anterior ao Terramoto. BNP, D. 100 R. *Planta da freguesia de Santa Justa*, 1750.

43 Episódio ocorrido no segundo semestre de 1736, conforme descrito na relação de receita e despesa referente a esse ano: «Mandou o Excellentíssimo Marquez de Cascaes hum veado para o jantar dos prezos, que se lhe levou guizado em dia extraordinário, dos em que a Congregação costuma levallos.» (*Relação*, 1737, p. 2).

44 Doente e recolhido na sua cela, deixa a frei Manuel de São José, «fiel depositário de todos os seus segredos», as «disposições da sua ultima vontade», especificando: «que pagasse hum resto a Eugenio dos Santos do feito da Imagem da Senhora do Loureto, e a Lourenço dos Santos o que importasse o estofala. Recomendou-lhe mais que a Imagem da Senhora era para o sitio de Pegoens, para ali se dizer Missa todos os Domingos e dias santos, vista a grande necessidade que experimentavam os passageiros e moradores daquele sitio, por lhe ficar a Missa em distancia de duas ou três legoas: que no dia da colocação da Senhora no seo Altar mandasse celebrar nelle huma Missa, e desse ao sacerdote de esmola hum quartinho.» (Clemente, 1776, s/n).

45 Com o n.º 16, aí se regista a «Imagem de N.ª Senhora da Caridade, esculptura em madeira sentada, tendo dois meninos, um ao colo e outro de pé junto a si.».

46 Padre António Pinto dos Reis. ACMF – *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais*, Lisboa, Administração dos Bens Culturais, Processo 149.

47 ACMF – *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais*, Arrolamentos dos Bens Culturais da freguesia da Sé, Lisboa, 1910-1913, liv. 57, fls. 71-364.

48 ACMF – *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais*, Lisboa, Administração dos Bens Culturais, Processo 396.

49 *Idem*, Processo 594.

50 *Idem*, Processo 443.

51 Arrolamento dos móveis e objetos de culto pertencentes à Capela da Caridade da freguesia da Sé que vão ser vendidos em leilão por ordem da Comissão Central. *Idem*, Processo 594.

52 *Idem*, Processo 391.

53 Leilão anunciado nos jornais *O Rebate* (8 março 1925) e *Diário de Notícias* (8 e 11 março 1925).

54 Resultando da alienação dos sete lotes a verba total de 1:390\$00, correspondente à venda das seguintes peças: um altar de talha (Luís Garcia, 405\$00); um banco de três lugares e pés de garra em madeira (António do Amaral, 870\$00); uma mesa em madeira preta (Luís Garcia, 20\$00); uma cruz em ferro forjado (Evaristo Gonçalves, 28\$00); um arcaz sem gavetas (Romão, 55\$00); um banco de quatro lugares em madeira (Gomes Henriques, 7\$00); e uma cadeira de braços (Romão, 5\$00). Relação dos objetos pertencentes à extinta ermida da Caridade que se achavam em poder da Junta de Freguesia da Sé, vendidos em leilão no dia 12 de março de 1925. *Idem*, Processo 10073.

55 O que viria a ter seguimento com o pedido de avaliação pela Comissão Jurisdicional, em ordem a aferir o estado de conservação dos edifícios (20 de março de 1931). *Idem*, Processo 302.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO CONTEMPORÂNEO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, LISBOA

Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Arrolamentos dos Bens Cultuais da freguesia da Sé, Lisboa, 1910-1913, liv. 57.

Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Lisboa, Administração dos Bens Cultuais, Processos 149, 302, 391, 396, 443, 594, 10073.

ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO DE LISBOA

Expediente, 1751, 1857.

Ms. 355, 554

UI 255

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, LISBOA

CLEMENTE, José, 1776. *Vida do Padre Baltasar da Encarnação da Congregação do Oratório de São Filipe Néri. Hospital de São José*, liv. 1209, s/n.

Hospital de São José, Escrivão Botelho, mç. 106, n.º 8, cx. 753.

Hospital de São José, Extratos, cx. 507, liv. 19, n.º 948.

Hospital de São José, Testamentaria de D. Filipa de Noronha, testamento e codicilo. 6 vols., n.ºs 1305-1310.

Registos Paroquiais, Paróquia de Santa Justa, Lisboa, Livro de Óbitos n.º 5, fl. 112.

Tribunal do Santo Ofício, mç. 1, doc. 11, fl. 30.

BIBLIOTECA DE ARTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA

PORTAL, Fr. Manuel, 1756. *Historia da ruina da cidade cauzada pello espantozo terremoto e incendio que reduzio a pó e cinza a melhor e maior parte desta infeliz cidade*. Reservados, AP 12363.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, LISBOA

Compromisso da Caridade G.l de Lix.a, 1763. PBA. 101

FONTES IMPRESSAS

BARBEITO, Antonio, 1748. *Jardim escotistico, em que se offerecem as mais puras flores da Theologia Moral*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonçalves.

BARBOSA, Inácio de Vilhena, 1868. «Luxo e magnificencia da corte Del'Rei D. João V», in *Arquivo Pittoresco*. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, vol. XI, pp. 229-231.

BELÉM, Fr. Jerónimo de, 1853. *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia do Nosso Serafico Padre S. Francisco*. Lisboa: Mosteiro de São Vicente de Fora, vol. 2.

BLUTEAU, Raphael, 1712-1728. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 10 vols.

CASTRO, João Baptista de, 1763. *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, tomo III.

CASTRO, Joaquim Machado de, 1810. *Descrição Analytica da Execução da Real Estatua Equestre do Senhor Rei D. José I*. Lisboa: Impressão Régia.

CONCEIÇÃO, Manuel da, 1755. *Supplemento ao Summario das Noticias de Lisboa, composto por Christovão Rodrigues de Oliveira*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.

«FESTA do Patrocinio de Nossa Senhora», in *Bem Publico: Jornal Catholico, Scientifico, e Litterario*, 1858. Lisboa, n.º 73, vol. 2, 20 nov., p. 161.

MACHADO, Cirilo Volkmar, 1823. *Collecção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores, e Escultores, Architetos e Gravadores Portugueses, e dos Estrangeiros, que Estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.

MACHADO, Diogo Barbosa, 1741. *Bibliotheca Lusitana: Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa: Oficina de António Isidoro Fonseca, tomo I.

MARIA SANTÍSSIMA, Fr. Manuel de, 1799. *Historia da Fundação do Real Convento e Seminario de Varatojo*. Porto: Of. de Antonio Alvarez Ribeiro.

PEREIRA, Luís Gonzaga, 1833. *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Ed. 1927. Lisboa: Of. Gráf. da Biblioteca Nacional.

RELAÇÃO da receita, e despeza, que se adquirio, e despeneo pelo fervoroso zelo da Meza da Congregação da Caridade, debaixo da Protecção da Virgem N. Senhora com o Titulo do Loreto, em os primeiros seis mezes deste presente anno de mil setecentos e trinta e seis, principio de sua Instituição no Hospicio dos Monges Descalços desta Corte da filiação de São Paulo primeiro Eremita, 1736. Lisboa Ocidental: Oficina de Domingos Gonçalves.

RELAÇÃO da receita, e despeza que se adquirio, e despeneo pelo fervoroso zelo da Meza da Congregação da Charidade, debaixo da Protecção da Virgem Nossa Senhora com o Titulo do Loreto, em os segundos, seis mezes do anno proximo passado de 1736 estabelecida, e continuada em o Hospicio dos Monges Descalços

desta Corte da Filiação de São Paulo Primeiro Eremita, 1737. Lisboa Ocidental: Oficina de Domingos Gonçalves.

RELAÇÃO da receita, e despeza, que se adquirio, e despenceo pelo fervoroso zelo da Meza, e mais Irmãos da Congregação da Caridade debaixo da Protecçam da Virgem Maria Senhora Nossa com o soberano Titulo do Loreto, no anno proximo passado de 1739 estabelecida nesta Corte de Lisboa Occidental na Ermida de S. Mattheus, e Santo Eutropio, de que são Padroeiros os excellentissimos senhores Marquezes de Cascaes, 1740. Lisboa Ocidental: Nova Oficina Almeidiana.

RELAÇÃO da receita, e despeza do que se adquirio, e despenceo pelo fervoroso zelo da Mesa, e mais Irmãos da Congregação da Caridade debaixo da Protecçam da Virgem Maria Senhora Nossa com o soberano Titulo do Loreto no anno proximo passado de 1741, 1742. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.

RELAÇAM da receita, e despeza que a Caza da Caridade Geral de Lisboa fez este anno, que acabou em ultimo de Dezembro de 1748, 1749. Lisboa: Irmandade da Caridade Geral.

RELAÇAM da receita, e despeza que a Caza da Santa Caridade Geral de Lisboa fez este anno, que acabou em ultimo de Dezembro de 1751, 1752. Lisboa: Irmandade da Caridade Geral.

SANTA ANA, Fr. José Pereira de, 1745. *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus domínios.* Lisboa: Oficina de António Pedroso Galram, tomo 1.

SOUSA, António Dâmaso de Castro e, 1875. *Monographia da Igreja Matriz da Cidade de Lisboa. Boletim Architectonico e de Archeologia.* Lisboa: Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses, tomo 1, 2.^a série, n.º 6, pp. 92-95.

SOUSA, Francisco Luís Pereira de, 1909. *Efeitos do Terremoto de 1755 nas Construções de Lisboa.* Lisboa: Imprensa Nacional.

VIDA e ultimas acções, e morte D. M. R. P. Balthasar da Encarnação, missionario apostolico, e fundador dos Monges do Senhor Jesus da Boa Morte, 1760. Lisboa: Oficina de Inácio Nogueira Xisto.

ESTUDOS

ABREU, Laurinda, 2017. *Public Health and Social Reforms in Portugal (1780-1805).* London: Cambridge Scholars Publishing.

BORGES, Nelson Correia, 1986. «Do barroco ao Rococó», in *História da Arte em Portugal.* Lisboa: Alfa, vol. 9.

- CANAVEIRA, Manuel Filipe Cruz de Moraes, 1984. «A fortuna de uma nobre portuguesa no século XVIII: D. Filipa de Noronha e sua testamentaria», in *Revista de História Económica e Social*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, n.º 13, jan.-jun., pp. 93-140.
- CARVALHO, Maria João Vilhena de, 2014. «As esculturas em madeira da coleção do Museu Nacional de Arte Antiga. Notas sobre os resultados da identificação anatómica», in Cristina Nabais e Dalila Rodrigues (eds.), *A Coleção de Escultura em Madeira do Museu Nacional de Arte Antiga e do Museu Grão Vasco: um Contributo da Ciência para a Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 59-67.
- CATALOGO da coleção de desenhos da Museu Nacional de Bellas Artes, 1905. Lisboa: Imprensa Nacional.
- CHAVES, Luís, 1916. «Os registos de santos: catálogo dos registos compreendidos em 4 volumes in-folio grande que pertenceram a Aníbal Fernandes Tomás, e hoje estão na posse do Museu Etnológico Português», in *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnográfico Português, vol. XXI, pp. 30-94.
- CHAVES, Duarte Nuno, 2016. *As imagens de vestir da procissão dos Terceiros: história, conceitos, tipologias e tradições – um legado patrimonial franciscano na ilha de S. Miguel, Açores, nos séculos XVII a XIX*. Tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Évora.
- CORREIA, Virgílio; GONÇALVES, Nogueira, 1947. *Inventário Artístico de Portugal – Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, vol. 2.
- COSTA, Luís Xavier da, 1940. «A escultura portuguesa em madeira no século XVIII», in *Revista de Guimarães*, n.º 50 (1-2), jan.-jun., pp. 121-127.
- FARIA, Miguel Figueira de, 2008. *Machado de Castro (1731-1822): Estudos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FLOR, Susana Varela; FLOR, Pedro, 2016. *Pintores de Lisboa, Séculos XVII-XVIII: a Irmandade de S. Lucas*. Lisboa: Scribe.
- FRANCO, Anísio; CARVALHO, José Alberto Seabra; CARVALHO, Maria João Vilhena de, 2017-2018. «A nova exposição de pintura e escultura portuguesas do Museu Nacional de Arte Antiga», in *Revista Património*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, n.º 5, pp. 90-95.
- JACQUINET, Maria Luísa de Castro V.G., 2013. «Manuel Pereira (C.O.) arquiteto. Contributos para a desconstrução de um enigma da historiografia da arte», in *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, n.º 7, jul.-dez., pp. 14-18.

MACEDO, Diogo de, 1945. *A Escultura Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente.

MEDINA, Constantino Gañán, 2001. *Técnicas y evolución de la imaginería policroma em Sevilla*. Sevilha: Universidade de Sevilla.

MELO, Helena Pinheiro de; CRUZ, António João, 2017. «Qual o significado de algumas marcas incisas no reverso dos suportes de madeira de pinturas antigas?», in *Conservar Património*, n.º 26, pp. 91-101.

MORESI, Claudina M.D, 2002. «The Ruby in Baroque Christ sculptures in Brasil», in *13th Triennial Meeting ICOM-CC*. Rio de Janeiro: ICOM-CC.

PAMPLONA, Fernando, 1988. «Dias, Manuel», in *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2.ª ed. Porto: Civilização Editora, vol. II, pp. 203-204.

PEREIRA, José Fernandes, 2005. «Dias, Manuel», in *Dicionário de Escultura Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 204-205.

PIMENTEL, António Filipe, 1996. «Manuel Dias», in *The Dictionary of Art*. London: Grove, vol. 8, p. 858.

RIBEIRO, Conceição, 2007. «Considerações sobre a escultura de marfim designada por Indo Portuguesa: Materiais e técnicas de execução», in *Cadernos*. Lisboa: IMC, n.º 5.

RIJO, Delminda Maria Miguéns, 2011. *A representação da freguesia de Santa Justa (Lisboa) nos Róis de Confessados (1693-1702)*. Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SALDANHA, Sandra Costa, 2013. «Um crucifixo de Anton Maria Maragliano em Mafra: oferta do genovês Domenico Massa à Ordem Terceira da Penitência», in *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, n.º 7, jul.-dez., pp. 44-47.

SALDANHA, Sandra Costa, 2018. *Manuel Dias (1688-1755): o 'Mais Insigne dos Estatuários'*. Col. Mestres da Arte Cristã, n.º 3. Lisboa: Imprimatur.

SANTOS, Reinaldo dos, 1950. *A Escultura em Portugal*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Bertrand & Irmão, vol. II.

SERRÃO, Vítor, 2003. *História da Arte em Portugal: o Barroco*. Lisboa: Editorial Presença.

SOARES, Ernesto, 1971. *História da Gravura Artística em Portugal: os Artistas e as suas Obras*. Lisboa: Livraria Samcarlos, vol. II.

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

COMISSÁRIAS

Sandra Costa Saldanha

Maria João Vilhena de Carvalho

PROJETO MUSEOGRÁFICO

Manuela Fernandes, DGPC

DESIGN GRÁFICO

FBA.

REGISTRAR

Ana Kol (coord.)

Inês Silva, bolseira FCT

CONSTRUÇÃO

J.C. Sampaio, Lda.

PRODUÇÃO GRÁFICA

De Metro a Metro, Lda.

TRANSPORTE E MONTAGEM

Feirexpo

INVESTIGAÇÃO TÉCNICA

E ESTUDO ANALÍTICO

Isabel Pombo Cardoso

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Escultura: Conceição Ribeiro (coord.),
bolseira FCT; Inês Marques; Joana Alves

Susana Campos (pintura)

Sofia Júlio (moldura)

COMUNICAÇÃO

Paula Brito Medori (coord.)

Ana Sousa, bolseira FCT

O MNAA agradece à Igreja Nossa Senhora da Pena (Lisboa) o amável empréstimo das obras presentes nesta exposição.